



# ÁRVORES, galhos e outros ramos

Grace Donati | André Marques







1ª edição 2018  
Bauru, SP

Editorial Plante é um selo da Canal 6 Editora,  
dedicado a livros de literatura brasileira e biografias.

**canal6** editora

Rua Machado de Assis, 10-35  
Vila América | CEP 17014-038 | Bauru, SP  
Fone/fax (14) 3313-7968 | [www.canal6.com.br](http://www.canal6.com.br)

---

R987 Donati, Grace.  
Árvores, galhos e outros ramos / Grace Donati e André Marques.  
— Bauru, SP: Canal 6 Editora, 2018.  
100 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7917-529-9 (Editorial Plante)

1. Artes visuais. 2. Poesia brasileira. I. Donati, Grace. III.  
Marques, André. III. Título.

CDD: 704.94

---

Copyright© Grace Donati e André Marques, 2018

# SUMÁRIO

## Parte 1 – O Projeto

A semente	9
Galhos e outros ramos	11
A Exposição	15
Arte acessível	24
Poesia em áudio	26
Espalhando arte por aí	29
Eu preciso de você	32

## Parte 2 – Poesias e Obras visuais

Tornar-se árvore	37
Vida de árvore	39
Borboleta azul	40
Teia imensa	43
Salix babylonica	45
Sussurro	46
Arvorecer	47
Pé-de-luz ou Pé-de-nada	48
Essência	49
Toda flor	52
Da árvore	53

Aurora	54
Por que chora o Chourão?	56
Bem-se-quer	57
Promessa	57
Arbor	59
Outono	62
À mostra	63
Sozinha	65
Tronco	66
Declaração de amor	68
Raiz e mina	71
Arribá o arboero	72
Memórias	73
O amor do vento	74
Tejeira	76
Coimbrianas	77
A macieira	79
Primavera	80
Tronco II	81
Flore o mato	83
Erro de cálculo	84
Pioneira	85

Eu sou árvore!	86
Fim de lenha	88
Arvoredo	89
Broto	90
In terminis	91
Raiz, tronco e membros	94
Abrigo	96
Eu preciso de você	99
Raiz raiz flor flor	98
A Equipe	99



## A árvore prata

Dentre tantas diferentes espécies de árvores, há aquelas que ganham altura rapidamente e as que crescem com vagar. Muitas variáveis interferem e determinam o desenvolvimento de uma árvore, além do que define sua própria natureza. Mas há uma regra a que todas estão sujeitas. Elas precisam de um entorno nutridor, que lhes favoreça ser o que nasceram para ser.

Eu plantei a minha árvore mais íntima em 2009. Naquela época, ela era prata, noturna, sem folhas, flores ou frutos, nua. Era uma brincadeira com lápis e papel, um alento para uma noite em que as palavras tão frequentes me deixaram sozinha. Eu a comecei pelo tronco e dediquei muitas horas, espalhadas em muitos meses, traçando cada galho, desenhando a trama embaraçada de grandes veios e minúsculos ramos.

Certo dia, antes de guardá-la numa pasta, resolvi incluir uma sapopema... aquela elevação que está na face esquerda do tronco, projetando-se ao solo... desejando ajuda para o seu sustento. Lá, ela viveu protegida por oito anos. Hibernada, cristalizada, aguardando um respiro bom, chuva e luz. Quando eu a libertei... num espaço fértil, de cor e calor, outra alma a acolheu nas mãos com o mesmo cuidado meu. Neste instante, eu e André Marques, durante minha terceira aula de Desenho, assumimos juntos que criaríamos muitas árvores e espalharíamos sementes de Arte por aí. Assim, nasceu “Árvores, galhos e outros ramos”.

Grace Donati

Poetisa e líder do Projeto “Árvores, galhos e outros ramos”



“Árvores, galhos e outros ramos”, de autoria de Grace Donati e André Marques, é um projeto de Artes Integradas, que foi premiado no Edital ProAC n.º 40/2017, tendo sido, portanto, subsidiado por verba pública.

O projeto se assentou na livre interlocução entre a poesia, o teatro e a performance, as artes visuais, e a pesquisa aplicada... árvore de todo sabor, olor e linguagem. O “Árvores...” é a expressão exagerada de amor pela natureza e pela vida de cada árvore.

Ao longo de um ano foram produzidas 83 obras, cultivadas na linguagem das Artes Visuais, e 42 poesias, dedicadas a lançar luz a cada minúsculo ramo, pedaço de raiz, cerne, flor e fruto. Foram realizadas cerca de 30 oficinas de Criação, Declamação e Performance, destinadas a grupos específicos e abertas a toda a comunidade. E como exagero de amor foi regra tácita e compartilhada em equipe, uma xiloteca particular teve suas 120 amostras de espécies de árvores, provenientes de cinco continentes, organizadas, catalogadas e apresentadas ao público.

As obras que brotaram deste processo criativo provocam múltiplas interpretações, com grande fluidez entre cores, estilos, formas e linguagens, acerca da grandeza orgânica e simbólica das árvores, cuja existência nos permite a vida. O encontro com cada trabalho atinge a todos ora com asperezas críticas, despertando memórias das nossas afrontas contra a natureza e ora com doces levezas, colocando-nos à sombra de copas frondosas.

A presente obra, último fruto de nossa primeira grande árvore, encontra-se dividida em duas partes. A Parte I se dedica a descrever o desenvolvimento das ações que integraram o projeto e a Parte II entrega ao público todas as poesias criadas ao longo deste doce e paciente cultivo.







Criar uma exposição de arte é criar uma grande obra. Esta é a conclusão a que cheguei quando, sentada no chão da galeria, após uma semana inteira de montagem, deixei meu olhar correr pelos cantos, sentindo-me emocional e fisicamente exausta.

Quem se propõe a esta tarefa a assume sem conhecer, de fato, os resultados possíveis... porque está, inexoravelmente, sujeito a um encadeamento de ações criativas e emoções sobre as quais se tem pouquíssimo controle.

Trata-se de converter a integridade de cada obra - a unidade artística produzida -, em uma pequeníssima parte para constituir outro todo, que se nomeará “exposição”.

As cores e pinceladas de cada aquarela cedem sua importância ao propósito maior, da unidade maior, que ganha vida e nova luz no espaço expositivo. Cada rima, aliteração e mensagem das poesias já concebidas precisam encontrar um encaixe novo, novos limites com mais sentido e beleza. Cada poesia longa e tão ativa na sua estrutura finalizada vira tão somente uma linha de mensagem poemada, almejando a composição mais sublime da história que a exposição quer contar... A história que os artistas desejam que a exposição conte.

No caso singular da exposição do “Árvores...”, nosso desejo era suscitar memórias afetivas da boa infância com árvores e fazer nascer um valioso calor no peito por causa disso. Foi desejo também decretar a magnificência da vida que flui e exala das árvores. E despertar a consciência da nossa interdependência tácita. Foi nossa aspiração desconfortar quem ali esteve, distribuindo o tanto de culpa que cabe a cada um de nós pelo desmatamento irrefreado e pelas incontáveis agressões que infligimos à natureza. Foi desejo nosso alertar para a responsabilidade humana da preservação da vida.

Para dizer tudo isso, teve poesia costurada com sisal em juta pendurada aqui

e ali. Em versos ritmados e soltos, teve árvore parecendo gente e gente igualzinha à árvore. Teve cada parte de árvore traduzida em palavra e espalhada pelo chão irmanando a jabuticabeira e um pé de manacá. Teve raiz iluminada pendurada no teto e etiquetas de causa mortis denunciando os desmandos vis. Teve árvore de nanquim e aquarela, lápis, caneta, café e terra. Teve semente pra pegar e folha seca pra amassar... árvore de verdade enfeitando o ar. E teve também copa sem flor, árvore sem cor, tronco chorando implorando amor.

Estiveram lá, ao serviço do encantamento e da crítica oitenta e duas obras visuais e quarenta e duas poesias. Quase tudo emoldurado e tudo, tudo mesmo impregnado pela respiração de artistas a serviço das árvores.

**ARVORES.**  
projeto de educação ambiental

**FERNANDO FREITAS**

**JÉSSICA ZALESKI**

**ARVORES**









EROSION

DOWN

DOWN

DOWN

DOWN

DOWN









Toda forma de arte cabe a mim e a você. É para todos e para qualquer um. É para cabeça grisalha, para meninos azuis, para a normalidade suspeita, para adulez rebelde e para jovem de toda sorte. É para quem não anda, para quem vê com as mãos, para quem ouve olhando, para quem só lê com o que aprendeu vivendo em atribulação.

As fichas de identificação das obras foram elaboradas de modo a promover o acesso linguístico ao maior número de pessoas quanto possível, incluindo todas as que vivem alguma condição de deficiência ligada à comunicação. Por esta razão, o conteúdo textual em Português, foi também apresentado na língua inglesa e com pictogramas, imagens destinadas a representar os conceitos das palavras.

Esta ação de acessibilidade atende os pressupostos da área da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA), que se dedica a promover o intercâmbio comunicativo entre todas as pessoas, respeitando todas as formas e modalidades de comunicação.

Conforme definição do capítulo brasileiro da International Society for Augmentative and Alternative Communication (ISAAC-Brasil), a CSA é uma área de prática e pesquisa, clínica e educacional para crianças e adultos, que envolve um conjunto de ferramentas e estratégias utilizadas para resolver desafios cotidianos de comunicação de pessoas que apresentam algum tipo de comprometimento da linguagem oral, na produção de sentidos e na interação.

Os símbolos pictográficos utilizados nas fichas de identificação das obras são propriedade do Centro Aragonés de Tecnologias para a Educação (CATEDU) (<http://catedu.es/arasaac/>) e foram criados por Sergio Palao. Alguns dos símbolos foram adaptados ou criados por André Marques.

Outra importante ação de acessibilidade implementada pelo “Árvores...” foi a gravação, em estúdio, das poesias declamadas, o que resultou na produção de um CD. Com isso, ampliou-se a forma de se pôr em contato com as poesias, para além da palavra escrita.

 <b>André Marques</b> Bauru, SP, 2017	<b>Título</b> <i>Title</i>  : 
 	<b>Técnica</b> <i>Technique</i>  : 
	<b>Formato</b> <i>Size</i>  : 32 x 24 cm
	<b>Material</b> <i>Material</i>  :  



# Como se faz um CD de poesias sobre árvores?



É só ir a um estúdio e gravar.

Quer dizer, há primeiro e antes, que se arrancar do pensamento e da paixão cultivada longamente toda a seiva e o pólen, a pétala multicolor, a sequoia e o arbusto, até a árvore que não foi... e pousar o que for disso no papel. Faz-se assim, para além da medida e de qualquer limite, 42 poesias. Este é o primeiro passo.

Depois, é preciso encontrar um bom estúdio, com um cara profissional e tal, gente boa, paciente e que se diverte com o que faz. E daí, é bom ter parceiros para a declamação, encontrar almas dispostas a processar, mastigar e digerir o que diz... viscerar cada palavra de cada poesia. Isto feito, precisa compatibilizar agendas, fazer com que o tempo de um seja o tempo do outro, num encontro de boa disposição. Com sorte, todo mundo se enlaça, desembaraça a teia de texto e cada poesia migra para o colo que mais a desejar. Então, é só entrar no aquário acusticamente blindado, ajustar a altura do microfone, vestir os fones de ouvido e declamar. Ah, claro, precisa posicionar a folha com o texto da poesia na estante a uma distância confortável dos olhos. É bom repassar a leitura, aquecer a voz, fazendo malabarismos com língua e lábios, lembrar da cadência desejada e decidir onde sustentar o silêncio. Daí, aos poucos, cada um se reveza ao microfone e vai-se transformando em ondas sonoras aquele tanto de sentimento. Enquanto a lista de arquivos de áudio vai se esticando na tela do computador, muita água, boas risadas e uma ou outra gravação refeita.

Neste ponto, parece que a empreitada se aproxima do fim, junto com o dia,

dando a missão por cumprida. Mas, não. Ainda não, porque poesia declamada precisa de moldura, feito aquarela finalizada. Daí, então, tateados os efeitos de sonoplastia em objetos de casa, coisinhas de bosques e passeios, e instrumentos quase raros, define-se uma hora nova no estúdio. A esta altura, sendo o editor de áudio já quase seu amigo, consegue-se espalhar folhas secas por todo o estúdio. Um cara parceiro, que se diverte com a brincadeira mais que você, fabrica uma grande sorte de barulhinhos. Assim, vai-se gerando um e outro som, até a alegria de se andar descalça pela alameda de outono que se montou, para que os pés triturando as folhas secas ganhem vez na sonoplastia. Boca que respira uivando vento, apito de nariz fingindo irerê ou andorinha, arroz de chuva, estalos de madeira... tudo gravado e pronto.

Chegando-se até aqui, resta, por último, dar pitacos na edição, que quer dar ambiente a toda a poesia... ser moldura, afinal. Ah... para que se cumpra esta etapa precisa por a alma a vagar, encontrar a natureza que impregnou na pele o cheiro e na memória a música... rememorar cantigas de pássaros filhotes nos ninhos e do vento atritando cada espaço entre as folhas. Com sorte, num dia de boa inspiração, fica fácil encaixar cada poesia no seu quinhão de floresta. E então, com ajustes artesanais, sutis e pacientes, conclui-se, em alguns dias, a edição.

Fácil! Depois, precisa dar rosto a tudo isso, criar a arte visual de impressão no CD, a imagem que os olhos verão, momentos antes do que o coração vai ouvir. Para isso, é bom que se tenha a parceria de alguém que traduz em imagem o que o projeto é, que tenha vivido o sonho junto, que enxergue na árvore o que você também vê. Agora, sim! É só transferir o trabalho novamente ao estúdio para a gravação das mídias e pronto! Pronto! Eis que se coloca a poesia das árvores vibrando o ar por aí!



## ESPALHANDO ARTE POR AÍ

Num repente, a equipe do “Árvores...” pensou que era um dente-de-leão e pôs-se a espalhar seus pedaços ao sabor do vento. Assim, foram realizadas as Oficinas de Criação, Declamação e Performance abertas ao público e a todo desejo de viver com mais arte.



Atividades de criação e performance com crianças do Projeto Caná

Oficinas de declamação e performance com crianças com TEA





Bosque da Comunidade  
Bauru  
Jardim Botânico  
Bauru  
FLISC 2018  
7ª Feira do Livro de  
Santa Cruz do Rio Pardo





Nem só de solo fértil se faz uma árvore. É preciso água e luz, doses de sombra e atmosfera equilibrada. Para além do que nossos olhos podem ver, árvore se faz pelos laços feitos com outras árvores, por uma consciência segredada e silenciosa de comunidade.

Os ramos do “Árvores...” se entrelaçaram a muitos outros, crescidos de boas sementes e empenhados na causa do bem comum. Sem esta sustentação, teríamos feito menos e produzido menos frutos. Aos parceiros do Projeto “Árvores...” é preciso expressar sincera e desmedida gratidão, especialmente ao Programa de Ação Cultural da Secretaria da Cultura (ProAC) do Governo do Estado de São Paulo, cujo financiamento (Edital n.º 40/2017 de Artes Integradas) deu realidade às nossas sonhadas ações.

### Parceiros:

- Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Bauru
- Jardim Botânico de Bauru
- Laboratório de Árvores, Madeiras e Móveis do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)
- Centro Cultural “Maria de Souza Campos Artigas”, da Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo (USP)
- Escola Sirius de Teatro
- Projeto Caná
- Casa Mix
- João Rosan
- Aires de Oliveira Design de Interiores e Móveis Planejados
- Ictus Brindes
- JM Studio
- Prof.<sup>a</sup> Sílvia Ferreira Gazolli
- Sra. Maria de Fatima Dungue Souza
- Maciel Contabilidade
- Flora Rica Plantas Ornamentais Jardinagem e Paisagismo





## Parte II - Poesias e Obras visuais



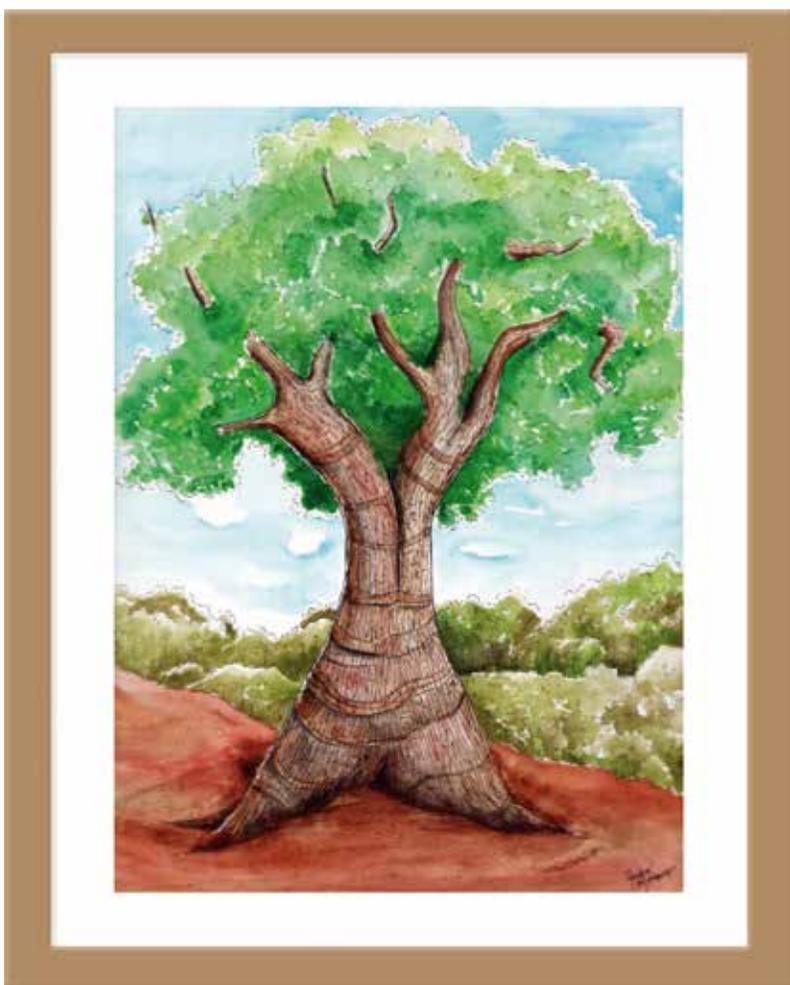
## Tornar-se árvore

Árvores não nascem árvores.

Tornam-se árvores raízes que desejam a grandeza

Tornam-se galhos brotos que aceitam a incerteza

Tornam-se frutos sementes que invocam a clareza.



Anelada

## Vida de árvore

Ah... quanta luz nasce da seiva que lhe percorre.

Que esplendor no milagre do broto

Quantas promessas nestas gotas de respiração.

Em teu cerne, a alma flore...

E que sabor se destina ao fruto da estação!

Ah... que frescor neste verde que matiza os ramos.

Que vigor no caule que eriça o germe

Quanta métrica neste caos equacionado.

Em teus anéis, a história corre...

E que primor no voo da folha ao gramado!

## Borboleta Azul

A crisálida na casca quer a luz

Viva a casa da promessa

A esperança do vôo

Asa em cruz

Viva o fim de sua espera.

Foi na casca do ingá, azuis

Vi a cor que voa austera

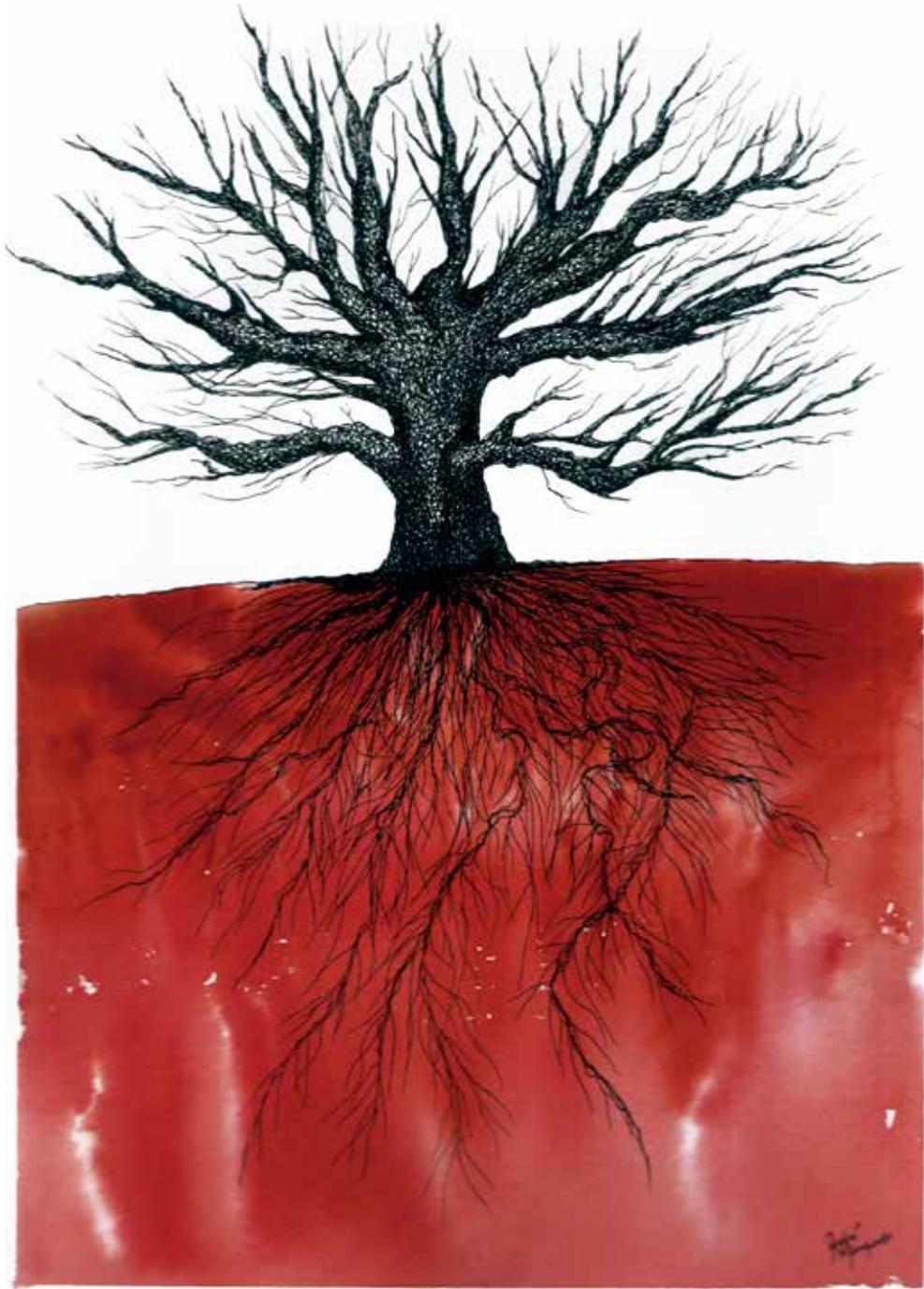
A bonança do pouso

Paz conduz

Vi, enfim, nascer Myscelia.



Borboleta Azul



Teia imensa

## Teia imensa

Eu não posso ver suas raízes  
É no escuro que vivem.  
Submersas, se escondem  
Ou se protegem.  
Imensas, se expandem  
Ou se reprimem.  
É na arenosa teia que vivem  
No escuro, insistem.  
Eu não posso ver suas raízes.



## Salix Babylonica

Você tem a luz do meu conforto  
Filtrada nos galhos fartos  
Abrigo de horas largas  
É o véu de queda lenta  
Singeleza que alenta.

Você tem a cor que me encontra  
Bordada em luz e sombra  
Ninho de cantos longos  
É a majestade feita em tenda  
Leveza que alimenta.



Toda flor

## Sussuro

Qual segredo é o teu, flor?  
Que venenos evita?  
O que te desabrocha inteira  
Entorpece-te e tonteia  
Esmorece-te e abate?

Qual enredo é o teu, flor?  
Que destinos habita?  
O que te colore a pétala  
Aguça-te e afeta  
Alimenta-te e dá vida?

# Arvorecer

Ela é cor e sabor.

Semente insurgente

Olor renitente

Amor sombreado

Veio dourado.

Ela é flor e calor.

Fruto pendente

Lavor insistente

Fulgor empenhado

Vigor entalhado.

## Pé-de-luz ou Pé-de-nada

É parreira ou uvarada  
Laranjeira ou laranjada  
Não se é árvore se não é pé  
Brasileira é terra farta.

Goiabeira ou goiabada  
Há limoeiro em limonada  
Só na árvore tem minha fé  
Brasileira, terra arada.

Amoreira ou a morada  
É mangueira ou pé de espada  
Não se faz árvore sem boa-fé  
Brasileira é terra amada.

# Essência

Do broto e da semente  
De sua essência encapsulada  
Assim, do medo e da carência  
Da sua verdade enclausurada  
se fazem frutos, flores e homens  
se fazem meios e se fazem fins.





# Toda Flor

Quadradas flores de amores marcados  
Amassadas cores.

Embevecidas dores de maio  
Surpreendentes perfumes de flores.

Acesos motivos e cuidadosas desculpas  
Repentina flor para um repente amor.

Inesperado sonho em cor  
Rosado amor.

## Da árvore

Da sombra

Faz-se o amor sem frio

O descanso gentil

O sossego a lamúria a candura a fio.

Da flor

Faz-se o olor vivaz

O adorno fugaz

O lamento o repente o presente a paz.

Da fruta

Faz-se o sabor candente

O fresco inocente

O veneno o socorro o consolo, semente.

# Aurora

Olha

A folha

Colhe

A gota

Solta

A ponta

Brota

Afora

Cora

À toa

Longa

Conta

Trova

Rosa

Aflora.

Girassol



# Por que chora o Chourão?

Se tem porte e peito  
História e desenho  
Se tem cor e sabor  
Alimento e apego  
Vida e morte  
Ramos, defeito  
Há, por certo  
Calor e contento.

Se há idade e razão  
Raiz, transpiração  
Começo e final  
Ferida e sinal  
Se tem força, ancião  
Família, vocação  
Há, sem metro  
Dor e coração.

## Bem-se-quer

Eu perdi minhas flores para o teu bem-me-quer  
E o teu bem-querer não quer a mim como quer a ti mesmo.

## Promessa

Prometo dançar nos dias de vento  
Emudecer passantes que me julgam amorfa  
Cantar, gritar precedendo a chuva forte.  
Eu sei do seu medo da minha euforia  
E da alegria quando eu floria  
Prometo nutrir o seu alívio com sombra  
E esquecer que ignora minha lida.



Mancha

# Arbor

Ar vorar

Ar vorecer

Ar bórea

Ar borescente

Ar borínea

Ar borescência

Ar boríssima

Ar borização.

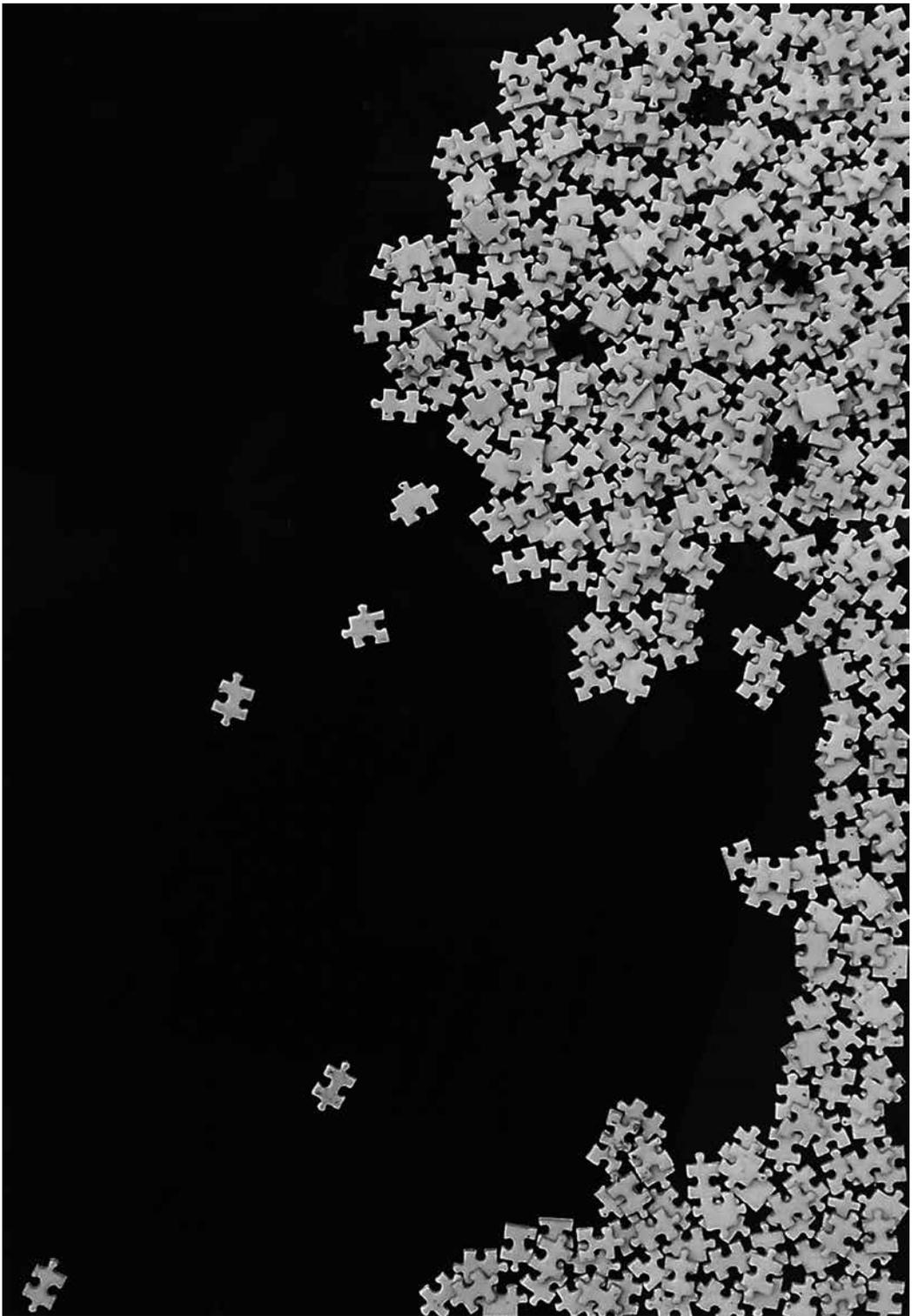
De ar em ar

Dá ar ao ar

Arborizar!



Escuro



# Outono

Empalideceu o mundo.

E os galhos entornados no escuro do outono  
se desfizeram na esperança de brotar.

Desobedeceu ao curso.

E as folhas vermelhadas no susto do abandono  
se detiveram na lembrança de ficar.

Restabeleceu o rumo.

E os prados ornados no lustro do entorno  
se transpuseram na bonança de mudar.

## À mostra

Não, eu não me escondo.  
É aparente esta fenda estranha  
E a robustez da insistência.

Não, eu não me escondo.  
É presente a solidão que apanha  
E a solidez da paciência.

Não, eu não me escondo.  
É eloquente a sã façanha  
E a aridez da consciência.



# Sozinha

Sozinha ou apenas

Única que se basta

Sobrevivente, perene

Força que enlaça

Resultado ou nascente

Viço que brada

Sozinha, apenas

Coragem ilhada.

# Tronco

É um ramo de vida

Um sopro

Um broto

É um pingo de pinha

Um tronco

Um gosto

É um cerne de cria

Um pouso

Um gozo

É um toco de guia

Um rosto

Um bojo

É o flanco da lida

É o tanto de sina

É o quanto de rima

Tronco

Pronto.



Tronco

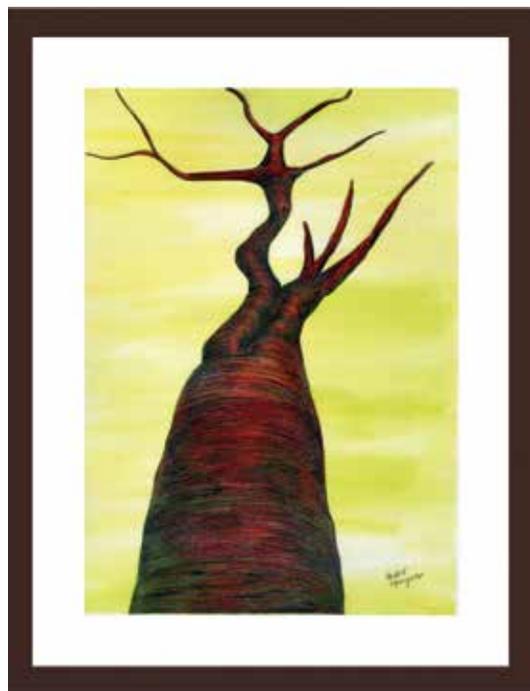
# Declaração de Amor

O meu amor é pelos frutos  
Mas se eles não vierem  
Amarei suas flores.  
E se elas não abrirem  
Eu me encantarei com as folhas.  
Assim, serão minhas a luz e a sombra.

Quando as folhas caírem  
Adorarei seus galhos.  
E se eles não brotarem  
Ainda haverá seu tronco.  
Assim, serão meus a persistência e o encanto.

E se os anéis ruírem  
Cuidarei de suas raízes.  
E se elas não resistirem  
Eu me entregarei às sementes.  
Assim, serão minhas a fé e a dor latente.





## Raiz e mina

Viro nuvem na minha sina  
Arfando o pouco ar que me permite  
Aspirando e gotejando vida  
Sou desde a raiz até a neblina.

Faço-me da paleta verde  
A branquidão vasta da colina  
Concedo-te a visão eloquente  
Da força que me sela e anima.

Viro nuvem na campina  
Tomando a mim os teus limites  
Transpirando minha alma florida  
Sou desde a raiz até a mina.

# Arribá o arboero

É de abraçar o Araçá  
E colher sal no Salgueiro  
Dar guarida ao Guaritá  
E casta ao Castanheiro.

Eu vi arara no Araribá  
E doce no cacaueiro  
Jaca no Jacarandá  
E água no Moringueiro.

É de ornar o Resedá  
De comer o Mamoeiro  
É de crescer o Ararichá  
De lutar o Umbuzeiro.

Eu vi lilases no Manacá  
Tinha alvío no Sombreiro  
Sabiá no Jequitibá  
É Natal no meu Pinheiro.

# Memórias

Eu me lembro dos gritinhos eufóricos das meninas  
Inchando as pupilas com minhas flores  
Dos impetuosos balançares em meus galhos fortes  
Dos meninos que se exibiam a qualquer sorte.

Eu me lembro das esbranquiçadas tardes de inverno  
Cobrindo de rigor as minhas folhas  
Dos pássaros silenciando no ninho  
De damas confidenciando algum pedido.  
Eu me lembro dos corações riscados em meu tronco  
Rasgando-me a pele e me fazendo assombro  
Dos apaixonados beijos sob a copa  
Das joaninhas escondidas numa rosa.

Eu me lembro de enfeitar a alameda em que mora  
Equilibrando-me sobre fios negros que dançavam  
Do alívio dos homens com meus cortes  
Da dor de não florir, do fim insorte.

## O amor do vento

Balançando naqueles galhos, descansava qualquer pensamento.

Eu sorria e chorava quieta para ouvir o que o vento falava.

Sonhava uma vida certa

Embalava a menina séria

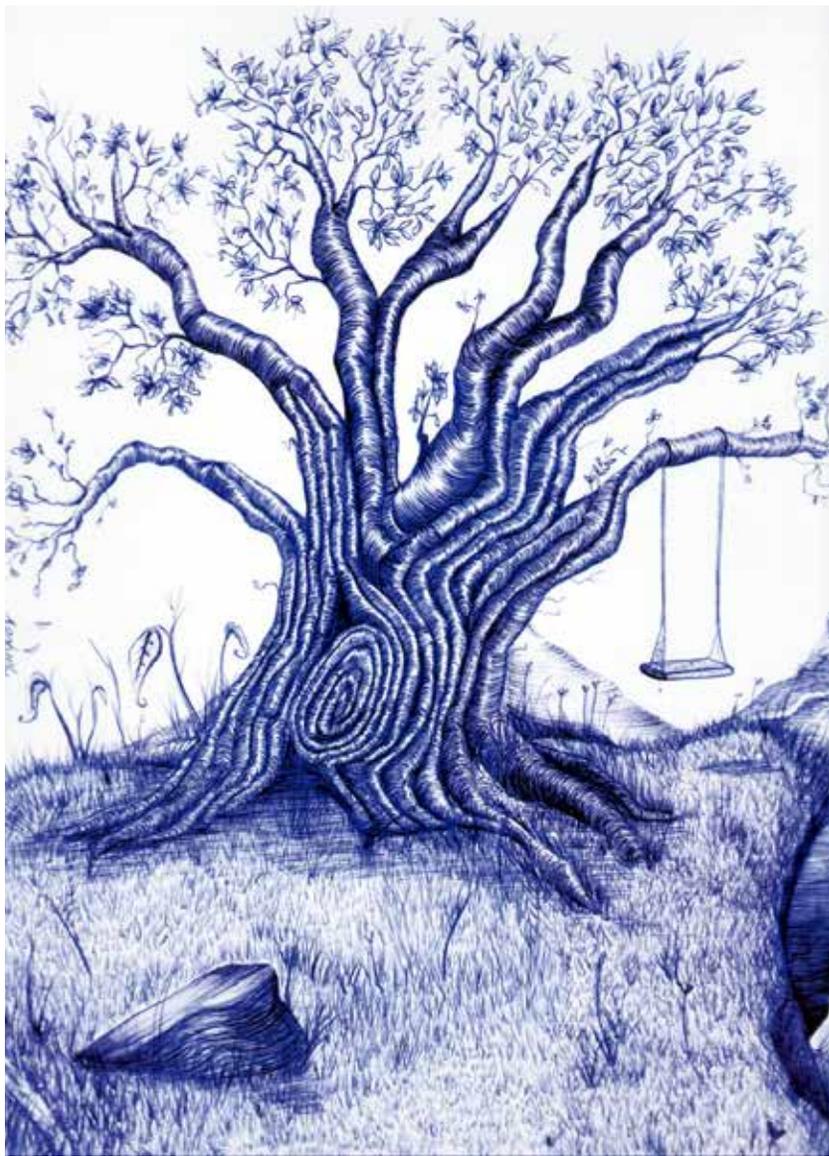
No ir e vir, um alento.

Descansando naqueles galhos, balançavam meus pensamentos

Eu escrevia e guardava as letras para esconder o que o peito calava.

Eu pedia e esperava

Todo sonho segredado ao tempo.



## Tejeira

Eu irrompi em solo lusitano  
Com raízes bebendo do Tejo  
As águas que avançam um sem-mar eterno.  
Por isso quero do mundo tudo o que eu puder sorver  
A verdade inteira da vastidão líquida  
Do rio e do mar  
E de cada dia.

## Coimbrianas

Estão aos pés agulhadas  
Endurecidas, à toda vista, resignadas  
Enegrecidas, pelo vento afinadas  
As árvores todas do Mundo Velho à baila.

Entorpecem-me aos cantos surgindo em salvas  
Em um esforço de ladeira a mais, me causam  
Humilde encanto, sublime espanto  
As árvores todas guarneendo a flor em pausa.



Desejo

# A macieira

Eu esperei muitas maçãs vendo crescer a macieira do meu quintal.

Elas viviam vermelhas no sonho recorrente que eu tinha no início de cada amanhecer.

Tanto eu sonhei

Tanto esperei pelas maçãs...

Tanto medi a altura daquela promessa de macieira com meu próprio corpo...

E então um dia, assim como se fosse um engano, um transe torto, um mal presságio...

Eu não alcancei quintal algum.

Nenhuma macieira.

Nada de adivinhar os galhos onde as maçãs nasceriam

Nada de pés farfalhando as folhas úmidas da madrugada

Nada de ver de verdade, no quintal, meu sonho bom

Nenhum quintal.

Daí, foi de volta ao meu que senti

Afagando o travesseiro

E recobrando o sono

O perfume doce e acetinado da primeira maçã

Da primeira macieira do meu único quintal.

# Primavera

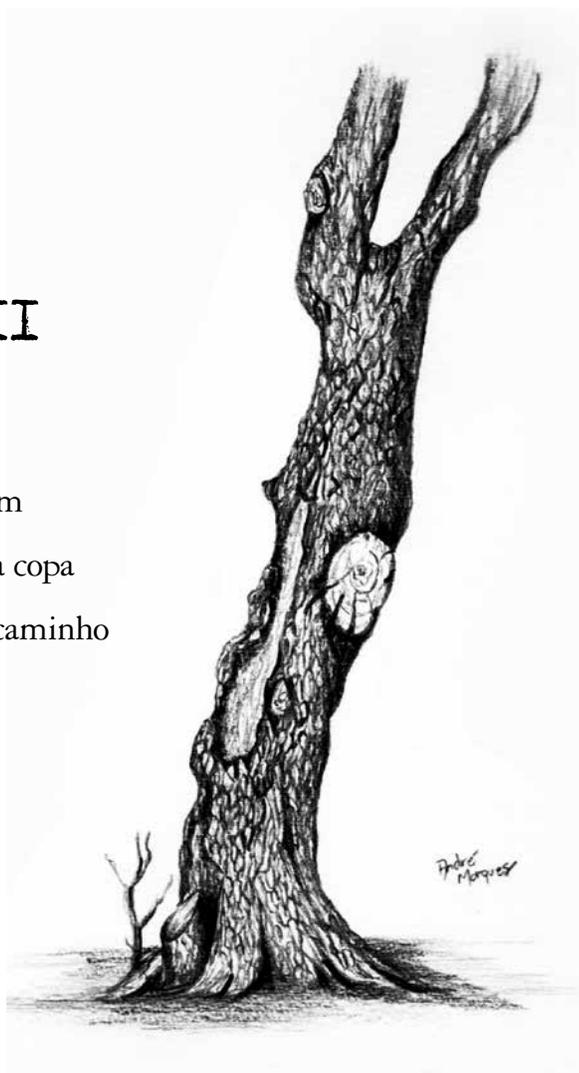
Não era tronco, era orquídea  
Nem galho, nem ramo, lisianto  
Nem era mais folha, era cor  
A árvore inteira vestida de flor.

Não era a copa, era rosa  
Nem raiz torcida, margarida  
Nem se via fruta, camélia  
A árvore-idílio de toda colmeia.

Não era sozinha, era vinha  
Nem arbusto crescido, lírio  
Nem era mais casca no frio sem fim  
Era árvore e flores e árvore, jardim.

## Tronco II

Não vejo o início ou o fim  
Não toco as raízes nem a copa  
Você é agora o meio do caminho  
E sendo este mistério  
Eu te venero.



Serrado



Bambuzal

## Flore o mato

Flore a margarida

A dália, a vida

Flore o lisianto

A rosa, a lida

O espinho, o cuidado, a orquídea.

Flore o cravo, o trevo

Flore o mato...

Na mão da menina.

## Erro de cálculo

Você move a casca grossa que me embala  
E é no invisível que me toca.

Você toma para si o que lhe é útil  
E é o vigor que me assalta.

Você mede ao que eu sirvo o que me basta  
E é desmedida que me faço.

Você me furta o destino incerto, o amigo alado  
E é sem flores que me calo.

# Pioneira

Árvore pioneira cresce onde não há floresta  
Em chão plano ou rugado  
Seco, encharcado  
Que se põe a abraçar uma semente  
Viajante, na terra  
Solta, à espera  
De abrigo e luz  
Para ser só,  
Sem eira nem beira  
Árvore pioneira.

## Eu sou árvore!

Despe-me as folhas

Rasga-me as lascas do longo torso

Nega-me a chuva

Ocultá-me em neve

Põe-me ao sol que ferve

E ainda assim, serei árvore.

Corta-me os brotos rotos

Amputa-me os galhos

Os pássaros

A vida das amendoeiras

Minhas sementeiras

E serei, mesmo assim, árvore.

Ignora minhas cores

O bicho que me devora, as dores

Ata-me os ramos livres

Alimenta-me de veneno

Faz-me lenho

E ainda assim, serei árvore

Furta-me as abelhas

Extingue todas as macieiras

Estanca de uma vez a seiva

Mata-me logo, inteira

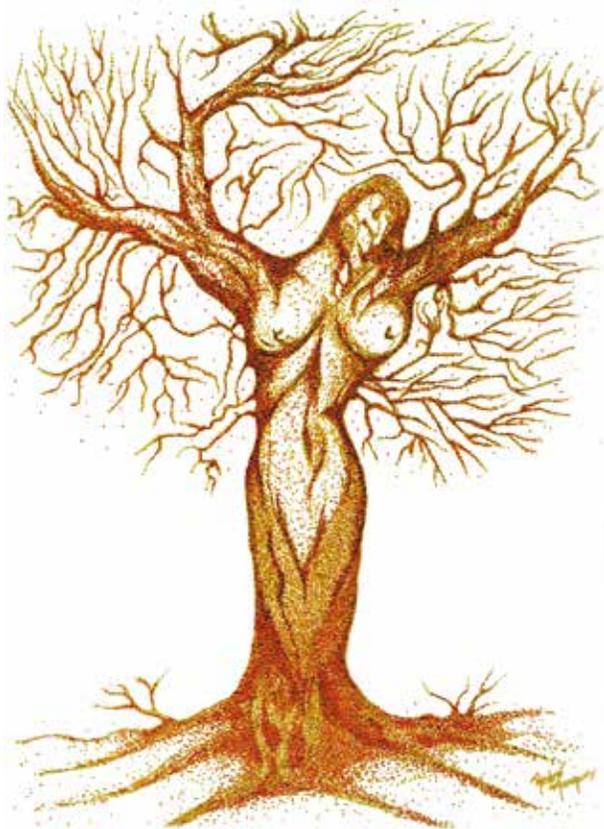
E ainda assim

Sem precisar que me queira

Serei árvore mesmo em fogo e areia



Feto



Mãe

# Fim de lenha

Vazio entre contrafortes  
Seiva a vazar em cortes  
Anéis de idade insorte  
Lenhosa vida e morte.

Fim de lenha



## Arvoredo

Tem terra na seiva	Aniz na folhagem
E seiva na cor	Folhagem no nó
Cor na ramagem	Tem nó no pistilo
Ramagem na flor.	E pistilo no pó.

Tem flor no graveto	Tem pó na gavinha
Graveto no chão	Gavinha no bulbo
Chão na floresta	Bulbo na abelha
Floresta no grão.	Abelha no arbusto.

Tem grão no cipó	Tem sol no arvoredo
E cipó na raiz	Rebento do chão
Raiz na antera	No chão o alento
Antera no aniz.	O tempo, o pão.

## Broto

Eu sou o que ainda virá

O que crescerá sem sua vista

Sou um destino calculado pelo sol

O louvor pagão que dá sentido ao nó

Sou uma pista

Do novo ramo, mina.

## In terminis

Recolhe estas folhas que rasgou da minha pele  
Limpa a seiva que escorre na ferida aberta pela sua razão  
Que te põe maldito, algoz da mata livre  
Da selvageria branca  
Da verde origem.

Respeita minha motilidade quieta e lenta  
Devolve cada lacuna do espaldar do meu corpo ao meu foro  
Que me há de sobrar força, ainda em choro  
Por sua insensatez santa  
Por esse ranço.



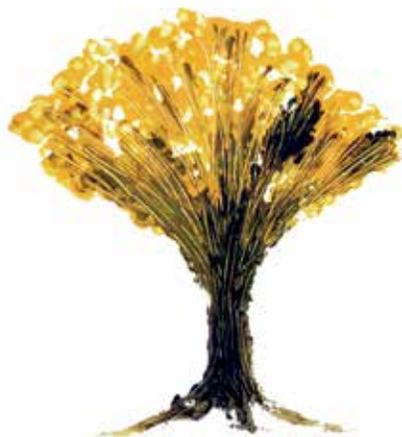
Fim



Inteira



Íncio



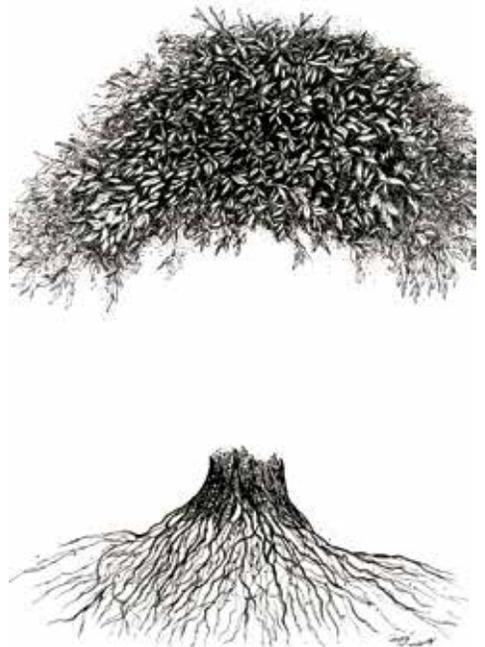
# Raiz, tronco e membros

É o som das folhas  
Os rachos potentes  
É o tom das flores  
Os ramos pendentes  
É o vão dos galhos  
Os tocos latentes  
É o chão de frutos  
Os nós salientes.

É o grão primeiro  
Que faz a semente  
É o dom eterno  
O espaldar imponente  
É a cor polida  
Que adorna a nascente  
E o pão da terra  
O pulsar renitente.



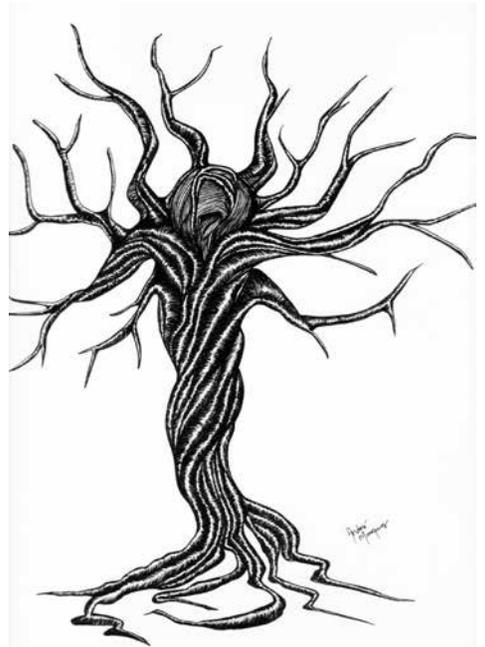
Pulso



Começo e fim



Declaração de amor



Bruxulesca

# Abrigo

Se eu me abrigar em você  
Eu espero o eterno  
Ver os dias com um véu no inverno  
Ouvir as folhas que chegam ao chão  
Eu espero o etéreo

Se eu me abrigar em você  
Eu espero a chama  
Ouvir namorado dizendo que ama  
Sentir a pele da mão, auscultar coração  
Eu espero a luz tamanha

Se eu me abrigar em você  
Eu espero o forte  
Da floresta, da ordem sem ordem, a sorte  
Tocar a porosa armadilha, espreitar a trilha  
Eu espero vida e morte.

# Eu preciso de você

*Com amor, para Fernando,  
Joana, Junior e André.*

Eu preciso do ar que você entrega  
De cada verde e marrom e  
Da luz e sombra em combinação  
Eu preciso da raiz  
De cada pequena ramificação  
Eu preciso do jeito que me faz feliz.

Eu preciso da fruta que prolifera  
Até das secas folhas  
Do olor que persevera  
Eu preciso ver brotar o broto  
Da miudeza dos vazios, de cada sopro  
Eu preciso, sem pudor, sentir seu gosto.

Eu preciso do abraço do seu tronco  
Da altiva força e  
Da seiva sem conta  
Eu preciso ver luzir a matiz  
Da aquarela quando balanço o olhar  
Eu preciso do jeito que me faz feliz.

# Raiz raiz flor flor

Flor flor flor flor  
Botão botão botão botão  
Esplendor esplendor dor dor  
Altura em fuga fuga fuga fuga  
Raminhos broto flor flor flor flor  
Galhos entremeados frutos frutos frutos  
Pendurada a fruta e o sabor sabor sabor sabor  
Inflorescência nudez e sombra sombra sombra  
Perfume oleoso prenúncio da cor cor cor cor cor  
Estações insistentes perene semente semente  
Repouso tramado de passeio pausado pausado  
Expressão verdejante mudar constante constante  
Copa em floradas rendado trabalho rendado trabalho  
Pássaro em ninho sedento cantor cantor cantor cantor  
Pontas promessas de vida vigor vigor vigor vigor vigor  
Respiro telhado de luz e olor olor olor olor olor  
Crescimento em frescor frescor frescor frescor  
Ramos ramos ramos ramos ramos  
Ramos ramos ramos ramos  
Galhos galhos galhos galhos  
Galhos galhos galhos  
Galhos galhos  
Formoso  
Tronco  
Tronco  
Tronco  
Tronco  
Tronco  
Corpo  
Lenhoso  
Torno  
Nó nó  
Casca  
Ponte  
Seiva  
Veio  
Tronco  
Tronco  
Luz  
Raiz  
Raiz  
Raiz  
Raiz  
Matriz raiz  
Visível Assis raiz  
Origem nutriz raiz raiz  
Começo cimento raiz raiz  
Gramado farto gentil raiz raiz  
Relva mantida em terra raiz raiz mais raiz

## A Equipe



Da esquerda para a direita: André Marques, Joana Calepso, Aires Jr. Grace Donati e Fernando Freitas

**GRACE DONATI** – Fonoaudióloga e poetisa, autora do livro “Retalhos de alma inteira” (Editora Scortecci) e do blog Verbogeren, onde publica poesias e crônicas. Possui trabalhos literários em diferentes antologias. A artista é a líder e gestora do “Árvore...”, autora das 42 poesias do projeto, de Xx obras visuais, co-autora nas instalações artísticas e na presente obra. Além disso, Grace participou da gravação de áudio das poesias e produção artística do CD.

**ANDRÉ MARQUES** – Arte-educador, com trabalho especialmente voltado à criança com deficiência. É técnico em Publicidade e Propaganda, tem Licenciatura em Artes Visuais e é Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda. No “Árvore...”, o artista desempenhou inúmeras funções, incluindo a criação da identidade visual do projeto, de 70 obras visuais, realização das Oficinas de Criação, além da coautoria nas instalações artísticas e neste livro.

**FERNANDO FREITAS** – Bailarino e ator, com experiência em diversas montagens teatrais e espetáculos de dança. Sua biografia inclui a colaboração em projetos sociais e em companhias de teatro de Bauru e região. No projeto, Fernando atuou nas Oficinas de Declamação e Performance abertas ao público e também junto a crianças em risco social e com crianças com Transtorno do Espectro Autista. Sua voz está gravada nas poesias declamadas que resultaram no CD do projeto.

**JOANA CALEPSO** – Atriz e professora de expressão corporal, com participação marcante em diversas montagens teatrais de companhias de Bauru. No “Árvores...”, Joana assumiu a responsabilidade, junto com Fernando Freitas, de criar e conduzir as Oficinas de Declamação e Performance Teatral do projeto. A artista também participou da gravação do CD de poesias, impregnando-o de sensibilidade.

**AIRES JR.** – Engenheiro Industrial Madeireiro, graduado pela UNESP de Itapeva. Tem experiência como docente em cursos técnicos e profissionalizantes e dá aulas particulares a quem tem por hobby a marcenaria. No “Árvores...”, Aires forneceu subsídio técnico à criação dos artistas, nutrindo-os com informações a respeito das árvores. Foi o responsável pela catalogação e exposição da xiloteca, em diálogo com as produções artísticas.